

Editorial

REFORMAS
NO PAPEL

Não é de hoje que a sociedade clama por reformas estruturais capazes de tirar o país da crise e dar sustentabilidade ao crescimento econômico, mas conhecidas dificuldades – algumas de caráter notoriamente corporativista – impedem o avanço da pauta.

Essa pauta contempla mudanças que não podem esperar mais e requerem prioridade máxima. No entanto, reformas como a tributária, a trabalhista e a previdenciária, além de uma completa reformulação da legislação político-partidária, mais uma vez correm o risco de não sair do papel.

O desenrolar do impeachment da presidente Dilma Rousseff, que promete seu capítulo final para breve, e as eleições municipais de outubro são fatores que vêm sendo apontados como entraves ao andamento da agenda.

Se Dilma voltar, o que parece pouco provável, a julgar pelo andar da carruagem, essas reformas tenderão a empacar de vez, pois nos últimos anos seu governo pouco avanço produziu na vida do país.

Mas a efetivação de Michel Temer também não vai garantir a votação dessas pautas no Congresso, pelo menos neste ano, em virtude exatamente das expectativas do posicionamento do quadro que vai brotar das eleições municipais.

Estas eleições, naturalmente, serão o termômetro que vai aferir o comportamento do eleitorado para 2018. Essa análise vem sendo feita por gente do primeiro escalão do governo Temer, como o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Marcos Pereira.

Como a bola está com o Congresso, é óbvio que deputados e senadores não vão votar reformas impopulares, que suprimam os famosos direitos adquiridos e vantagens diversas que pesam no contracheque.

Os militares foram os primeiros a dar o grito e não admitem participar de um regime único de previdência, como se cogitou inicialmente. Neste caso, reforma capenga não surtirá resultado e apenas adiará a falência do sistema.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

MEDALHA DE OURO EM CORRUPÇÃO

Duke



Charge publicada originalmente em 25/10/11

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A luta pela paz e o espírito
internacionalista das Olimpíadas

Não há consenso sobre a data de origem dos Jogos Olímpicos

O povo brasileiro tem “espírito olímpico”, basta ler sobre o orgulho que a abertura despertou em todos nós. O governo do interino ignora que o sentido internacionalista dos Jogos Olímpicos é a luta pela paz, pois desencadeou repressão generalizada sobre quem ouse bradar a insatisfação política com a conjuntura brasileira.

A postura do governo exibe ao mundo que era apenas um jogo de cena o simbolismo do garoto negro da Vila Olímpica da Mangueira, Jorge Gomes, de 14 anos, acender a “pira do povo” diante da igreja da Candelária, que há 23 anos foi o cenário de uma chacina que eliminou oito e feriu dezenas de jovens, a maioria negra!

Sediar uma edição das Olimpíadas é muita responsabilidade perante o mundo, que inclui manter acesa a chama do espírito olímpico, pois a tocha é o mais antigo símbolo dos jogos – acesa meses antes de cada edição em frente ao Templo de Hera, por “11 mulheres caracterizadas como sacerdotisas” – é o elo entre os jogos da Grécia Antiga e os atuais, e simboliza a paz, a união e a amizade.

Não há consenso sobre a data de origem dos Jogos Olímpicos, em Olímpia, na Grécia. Todavia, 776 a.C. é o mais aceito pela “prova” de inscrições sobre uma corrida a pé da qual o campeão olímpico foi o cozinheiro da cidade de Elis, Coroebus. Não se sabe exatamente quando as Olimpíadas antigas foram encerradas, apenas que foi por repressão política – para uns, foi em 393 a.C., para outros, 426 d.C. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade “eram realizados a cada quatro anos, e esse período, conhecido como uma “olimpíada”!”

O consenso é que os Jogos Olímpicos da Antiguidade foram realizados do século VIII a.C. ao século V d.C. Embora um renascimento das Olimpíadas fosse do interesse grego desde o início da guerra de independência da Grécia do Império Otomano (1821), só foram retomadas no século XIX, quando, em 1894, o barão Pierre de Coubertin (1863-1937), pedagogo e historiador francês, fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI). Este se tornou o órgão dirigente do Movimento Olímpico, cujas atribuições estão na Carta Olímpica – “codificação dos princí-

A celebração de uma edição das Olimpíadas é um ritual quase místico, desde a cerimônia de abertura à do encerramento em torno dos símbolos olímpicos

pios fundamentais do olimpismo; regras e regulamentos adotados pelo Comitê Olímpico Internacional”.

Hoje, Olimpíadas são “um evento multiesportivo global”, com Jogos Olímpicos de Verão (1896), de quatro em quatro anos, a grande festa mundial do esporte; Jogos de Inverno (1924); Jogos Paralímpicos (2010); e Jogos Olímpicos da Juventude (2010).

A celebração de uma edição das Olimpíadas é um ritual quase místico, desde a cerimônia de abertura à do encerramento em torno dos símbolos olímpicos, que são a tocha, os anéis olímpicos, o lema, as medalhas e os mascotes.

Os anéis olímpicos – cinco aros de co-

res diferentes interligados – exprimem o universalismo e o humanismo, cada um representando um continente: azul, a Europa; amarelo, a Ásia; preto, a África; verde, a Oceania; e vermelho, as Américas. O fundo branco representa a paz entre os continentes. O lema, que data de 1984, é a expressão latina “Citius, altius, fortius”, definidora do espírito olímpico: “O mais rápido, o mais alto, o mais forte”. As medalhas, cunhadas pelo país-sede dos Jogos com a imagem da deusa Nike, são feitas com 494g de prata com 92,5% de pureza, e 6 g de ouro. Os mascotes, instituídos nas Olimpíadas de Munique (1972), representam características regionais.

Nosso mascote é uma mistura de vários animais de nossa fauna e se chama Vinicius, em memória do poeta Vinicius de Moraes (1913-1980), que nos disse: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”.

DUKE

